

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, NATURAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA

CLARICE PINHEIRO ALMEIDA

REVIVENDO OS TEMPOS DO AÇÚCAR: memórias da produção açucareira em
Peri Mirim/MA na década de 1950.

Pinheiro - MA

2017

REVIVENDO OS TEMPOS DO AÇÚCAR: memórias da produção açucareira em Peri Mirim/MA na década de 1950.

Clarice Pinheiro Almeida¹

Orientador: Prof. Ms. Adriano Farias Rios²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a produção açucareira no município de Peri Mirim/MA na década de 1950, a partir da memória de homens e mulheres e/ou seus familiares que trabalharam nos diversos engenhos arrolados no referido artigo. A produção de açúcar no Maranhão apesar de seu início tardio se comparado com outros estados do nordeste, foi significativa, e mesmo com a abolição do trabalho escravo essa atividade se manteve, como mostram as diversas ruínas de engenhos encontradas no Estado nos dias atuais. No município de Peri Mirim vários engenhos continuaram as atividades durante o século XX, chegando até os anos 1950 e até mesmo ultrapassando esse período como apontam os relatos. Para elaborarmos este artigo utilizamos principalmente, as memórias dos trabalhadores ou seus familiares, devido a quase inexistência de obras bibliográficas que abordem a temática, além da dificuldade na documentação cartorial. Ao final desse artigo constatamos que a produção açucareira em Peri Mirim foi significativa, no entanto, o município ficou alijado dos registros econômicos estaduais.

Palavras-chave: Peri Mirim. Memória. Açúcar. Engenhos

RÉSUMÉ

Cet article vise à analyser la production de sucre dans la commune de Peri Mirim / MA dans les années 1950, de la mémoire des hommes et des femmes et / ou les membres de leur famille qui ont travaillé dans plusieurs usines mentionnées dans cet article. La production de sucre Maranhão malgré son démarrage tardif par rapport aux autres États du Nord-Est, était importante, et même avec l'abolition de l'esclavage cette activité a été maintenue, comme le montrent les nombreuses ruines de dispositifs trouvés dans l'état aujourd'hui. Dans la commune de Peri Mirim plusieurs moulins a poursuivi ses activités au cours du XXe siècle, atteignant les années 1950 et même dépasser cette période comme le montrent les rapports. Pour élaborer cet article, nous utilisons principalement les souvenirs des travailleurs ou de leurs familles en raison de presque non-existence d'œuvres bibliographiques qui abordent le thème, en plus de la difficulté dans les documents notariés. A la fin de cet article, nous avons constaté que la production de

¹ Licencianda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas habilitação em História da Universidade Federal do Maranhão/CCHNST – Campus Pinheiro.

² Professor de Sociologia no Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão/CCHNST – Campus Pinheiro.

sucre dans Peri Mirim est significatif, cependant, la ville a été chassé des dossiers économiques de l'État.

Mots-clés: Peri Mirim. Mémoire. Sucre. Moulins

1. INTRODUÇÃO

A produção de açúcar como já sabemos deu início à colonização efetiva de Portugal no Brasil, predominando até o século XVIII quando desponta a atividade mineradora. Na segunda metade do século XIX o café passa a ser o produto mais importante na economia brasileira. A mineração e a produção de café, cada uma delas no seu devido tempo, relegaram ao açúcar uma posição secundária. Apesar disso o Brasil segue produzindo açúcar até os dias atuais. Essa lógica de continuidade está presente em quase todas as localidades brasileiras onde esse produto foi cultivado em larga escala como é o caso do Maranhão.

O cultivo da cana de açúcar se intensificou no Maranhão por volta dos anos 1840 quando a economia algodoeira encontrava-se desgastada e os produtores rurais buscavam uma alternativa para sobreviverem. (CARVALHO, 2015). Iniciou de forma tardia se comparada com as outras localidades do nordeste, isto porque a inserção do Maranhão no mercado agroexportador se deu com a cultura algodoeira, diferente de outros estados do nordeste como Bahia e Pernambuco, por exemplo, que foram grandes produtores de cana de açúcar para exportação. Essa inserção tardia pode ter influenciado para que muitos engenhos continuassem funcionando ao longo do século XX produzindo, além de açúcar, cachaça e mel.

A produção de cana se expandiu para outras áreas do Maranhão como a Baixada Maranhense onde, segundo Carvalho (2015), foram instalados os engenhos hidráulicos da província. E é nessa microrregião maranhense que está localizado o município de Peri Mirim, espaço desta pesquisa, o qual mesmo sem ser mencionado nos registros históricos maranhenses como produtor de cana de açúcar possuía no século XX um número significativo de engenhos como apontam os depoimentos de vários moradores

do município, cujo registro foi encontrado na obra *Curiosidades históricas de Peri-Mirim*³ escrita por Francisco Viegas Paz em 2014.

O presente artigo tem como objetivo analisar a produção de açúcar no município de Peri Mirim na década de 1950, a partir de memórias de indivíduos que fizeram parte desse universo produtivo, proprietários, trabalhadores e outras pessoas que conviveram com a atividade das diversas formas possíveis. A partir daí, esperamos contribuir para um conhecimento mais amplo dessa atividade no município de Peri Mirim uma vez que o mesmo não figura como produtor de açúcar no Estado do Maranhão, e, se não foi durante o surto do açúcar no final do século XIX, teve um papel importante no século XX, abastecendo pelo menos o mercado local, e até outros municípios como já constatamos nos depoimentos.

Para a elaboração deste trabalho utilizamos, sobretudo, a história oral, devido à limitação de documentos escritos sobre os engenhos de Peri Mirim no período que compreende a nossa pesquisa. Nas incursões que fizemos ao único cartório do município nos foi negado o acesso à documentação que trata dos registros de terras. Entretanto, como afirma Verena Alberti (2004) a história oral pode ser utilizada como metodologia de pesquisa para a reconstituição de trajetórias de comunidades específicas, como as de bairros, as imigrantes, as camponesas, etc., sendo portanto, adequada para reconstruir a trajetória da produção do açúcar no município de Peri Mirim, no período que nos propomos analisar: a década de 1950.

Há um debate muito interessante em torno da história oral, sobretudo, em se tratando da relação entre memória e história, e as comparações entre ambas. Halbwachs, por exemplo, trabalha a memória numa perspectiva diversa da história, pois, para ele “não seria possível uma ponte entre a memória e a história”. Por outro lado Thompson procura “igualar as fontes oral e impressa”. (MONTENEGRO, 2010, p.18). No entanto, é importante a concepção defendida por Maurice Halbwachs de que as “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Para o nosso trabalho, as ferramentas da história oral tornaram possível a reconstrução de um fragmento de tempo, de um cenário econômico até então ocultado, com uma limitação muito grande de registros escritos. As lembranças individuais e

³ O termo Peri-Mirim recentemente perdeu o hífen, no entanto é assim que está grafado no título da obra em questão.

coletivas de pessoas envolvidas no universo produtivo do açúcar no município de Peri Mirim foram de fundamental importância para a reconstrução desse momento econômico no município, onde a produção de açúcar ocupava um lugar de destaque.

Neste artigo faremos um breve relato da produção açucareira no Maranhão, visto que no Maranhão essa atividade guarda algumas peculiaridades como o cultivo tardio em face do atraso na colonização portuguesa no Norte da colônia, a dificuldade do cultivo pela falta de braços até a primeira metade do século XVIII, além do desenvolvimento da cultura do algodão que inseriu o Maranhão no contexto agroexportador voltado para a Europa a partir das medidas pombalinas; falaremos também sobre a cidade de Peri Mirim, espaço de análise deste artigo; em seguida vamos trabalhar a produção de açúcar e outros derivados da cana, em Peri Mirim/MA, através de relatos de homens e mulheres que vivenciaram essa experiência já no século XX, uma vez que ao longo desse período vários engenhos estavam em funcionamento no município.

2. A PRODUÇÃO AÇUCAREIRA NO MARANHÃO: UM BREVE RELATO

A produção de cana de açúcar no Maranhão tem início tão logo Portugal retoma o controle da capitania depois de expulsar os franceses em 1615, diga-se de passagem, bastante atrasada se comparada com outras áreas da colônia, especificamente, do nordeste açucareiro, que já havia iniciado esse cultivo há quase um século antes.⁴

Em 1622 é construído o primeiro engenho de cana de açúcar às margens do rio Itapecuru, sendo que ao longo dos anos 1600 vários outros engenhos foram levantados. Entretanto, a produção de açúcar era bastante incipiente e basicamente não avançou por diversos problemas, e entre esses problemas estaria a falta de mão de obra escrava. (CARVALHO, 2015).

Ainda segundo Carvalho (2015), ao longo do período colonial e nas primeiras décadas do período imperial, a produção de cana de açúcar no Maranhão se destinava a atender pequenos engenhos, produtores de rapadura, aguardente e açúcar mascavo, e muito pouco açúcar branco e refinado.

Em fins da primeira metade do século XIX (1846) o então presidente da província, Joaquim Franco de Sá, desenvolveu uma forte campanha em favor do incremento da produção açucareira no Maranhão, através de propagandas em jornais e

⁴ Não nos estenderemos mais sobre a produção açucareira no nordeste visto ser um tema bastante debatido e também pela limitação deste trabalho.

revistas, e também construindo estradas e pontes, a fim de amenizar os problemas com a falta de infraestrutura no transporte dessa produção. (CARVALHO, 2015).

A partir de então como mostra o mesmo autor, houve um aumento considerável na implantação de novos engenhos na província. Agricultores atingidos pela crise na lavoura algodoeira migraram para o cultivo da cana de açúcar. Os engenhos se espalharam pelas diversas localidades da província, inclusive, na Baixada Maranhense, onde se instalaram os engenhos hidráulicos da província. Peri Mirim nessa época ainda não existia como município, pois, fazia parte de São Bento.

A produção de açúcar maranhense se desenvolveu em meio à crise mundial em torno do produto, em parte pela concorrência com o açúcar de beterraba, em parte pela melhoria técnica, tanto do açúcar de beterraba quanto do açúcar de cana em outros países, o que aumentava o volume do produto no mercado internacional provocando a queda dos preços.

César Marques pontua em seu *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão* (1970, p. 64) um registro que o Sr. Dr. Antônio fez em seu *Almanaque do povo*, onde esse referindo-se ao açúcar produzido no Maranhão dizia que

“O açúcar exportável, dito bruto, que fabrica a maior parte dos lavradores, com exceção de um ou outro mais adiantado em conhecimentos profissionais, ou mais zeloso do próprio interesse, ainda é muito de muito inferior qualidade àquela que se poderia obter, e que produzem outros engenhos do Brasil, devido certamente ao mau fabrico dele e outro tanto sucede com o chamado branco, ou de primeira qualidade, que também não pode ainda rivalizar com o das outras Províncias, o qual, para certos misteres, é mais procurado que o nosso, diferença que decerto não pode provir da planta, e sim do modo de lhe extrair do suco o açúcar.”

Apesar da baixa qualidade do açúcar produzido no Maranhão como aponta a fala acima, durante a década de 1880 o açúcar foi o produto que sustentou o comércio internacional na província, basicamente, substituindo o algodão. (REIS, 2007)

Alguns autores maranhenses atribuem o fracasso agrícola do Maranhão, seja da cultura algodoeira, seja da produção de açúcar, à abolição do trabalho escravo. No entanto, é visível que as dificuldades na agricultura maranhense tiveram início bem antes desse fato.

A partir da segunda metade do século XIX o Maranhão, assim como outras províncias do nordeste, que também sofriam os efeitos da crise no mercado do açúcar abastecia a lavoura cafeeira do centro/sul com mão de obra escrava através do tráfico interprovincial, já que dispunha de mão de obra disponível em função dos problemas que atingiam as lavouras da província. Nesse contexto a comercialização de escravos era uma saída, mas também um problema, uma vez que diante das dificuldades, o

escravo era a única garantia que proprietários endividados possuíam para garantir novos empréstimos. (REIS, 2007)

O açúcar maranhense embora fosse considerado de baixa qualidade como foi mostrado acima, sustentou o sistema exportador da província durante um determinado espaço de tempo, especificamente, na década de 1880 como mostra Reis(2007).

As crises internacionais se desencorajaram os grandes proprietários rurais para a produção açucareira, não impediram que pequenos e médios proprietários continuassem essa produção em seus engenhos, agora voltada para atender a demanda local. Além disso, outros engenhos foram criados fomentando também a produção de cana de açúcar por pequenos agricultores, especialmente, na região da Baixada Maranhense que abrigou os grandes engenhos nos melhores anos dessa produção e onde está situado o município de Peri Mirim.

Os estudos sobre a produção de açúcar estão voltados quase sempre para o período em que essa era feita em larga escala com vistas a atender as demandas do mercado externo, geralmente, com auxílio da mão de obra escrava. No entanto, o açúcar nunca deixou de ser produzido no Brasil, tanto que o país ainda figura como um dos maiores produtores no mundo, sendo responsável por mais da metade do açúcar que abastece o mercado mundial.⁵

O açúcar produzido hoje para o mercado externo sai das grandes usinas proprietárias de grandes plantações de cana de açúcar, muitas delas localizadas nas regiões Nordeste – principalmente, Pernambuco, Paraíba, Alagoas - e Sudeste do país, sobretudo, no Estado de São Paulo. Nosso interesse, no entanto, é mostrar uma produção voltada exclusivamente para o mercado interno, que foi muito comum no Maranhão depois da abolição da escravidão, sobrevivendo por todo o século XX.

Neste trabalho esperamos poder contribuir para a compreensão da importância da microrregião da Baixada Ocidental Maranhense para a economia do Estado quando a mesma deixa de abrigar os grandes empreendimentos agrícolas da economia agroexportadora e se limita a atender o mercado local.

De acordo com o levantamento feito por Paz(2014), o município de Peri Mirim contava com dez engenhos que produziam açúcar, cachaça e mel, e sobre isso não encontramos registros, sejam oficiais ou na literatura a cerca da história econômica do Estado.

⁵ Disponível em www.agric.com.br/producoesultivo_da_cana.html, consultado em 27 de janeiro de 2016.

A microrregião da Baixada Maranhense estava entre os mais importantes polos produtivos no período áureo da economia maranhense que compreende a segunda metade do século XVIII até boa parte do século XIX, produzindo açúcar e algodão, e nesse momento são frequentes os registros oficiais no cenário econômico do Estado.

É interessante ressaltar que, se o algodão, basicamente, deixou de ser produzido durante o século XX, o mesmo não acontece com a produção de açúcar, embora tenha sido reduzida. Essa se manteve em quase todos os municípios da Baixada Maranhense como podemos constatar nos relatos de pessoas que trabalharam nos diversos engenhos que sobreviveram.

E após a abolição da escravidão a produção de açúcar, de acordo com as ruínas de antigos engenhos ainda existentes na microrregião da Baixada Maranhense foi uma das principais atividades econômicas desenvolvidas ligadas à agricultura, principalmente, pelo número de trabalhadores que possuíam alguns engenhos como podemos observar nesse fragmento de fala:

Doze horas da noite era a hora dele ligar o moedor, o engenho, e chamava todo o povo da vizinhança, tudo tinha que levantar e ir trabalhar.⁶

3. UM POUCO SOBRE PERI MIRIM.

Peri Mirim é um pequeno município localizado na microrregião da Baixada Maranhense. Pertencia no passado a São Bento-MA, e só em 1919 foi emancipado.

A elevação à categoria de município se deu em 1919, através da Lei nº 850 de 31 de março desse ano com o nome de Macapá. Acredita-se que o processo emancipatório não foi plenamente aceito pelo município de São Bento, pois, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Peri Mirim volta a pertencer a esse município em 1931 e só em 1935 é definitivamente emancipado. Em 1943 passou a ser chamado de Peri Mirim.⁷

A ocupação do município, segundo documento elaborado pelo IBGE se deu por fazendeiros dos municípios vizinhos,(Alcântara, São Bento) com o objetivo de desenvolver a agropecuária, em virtude da fertilidade do solo e da abundância de pastos. Na fertilidade do solo pode está uma explicação para a instalação de engenhos de cana de açúcar.

⁶ Bernardino Araújo de Almeida, 83 anos. (In memoria). Entrevista realizada em maio de 2011.

⁷ Disponível em biblioteca.ibge.gov.br, consultado em 28 de janeiro de 2016.

Segundo dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 a população de Peri Mirim era 13.803 habitantes, com uma projeção para 2016 de 14.048 habitantes. Essa população localizava-se, principalmente, na zona rural do município, 10.135 habitantes.⁸

A economia do município gira em torno da agricultura, com a produção de milho, arroz, feijão e mandioca, em dados oficiais. A pecuária também compõe o cenário econômico do município que desenvolve a criação de animais de grande porte(bovinos e bubalinos), animais de médio porte(suínos e caprinos) e de pequeno porte (galinhas).

Atualmente, a cana de açúcar não figura na produção agrícola do município em dados oficiais, porém, ainda existem lavradores que plantam cana de açúcar, haja vista a existência de alguns engenhos produzindo cachaça como o engenho de “Dona Moça”, localizado na altura do km 157 da rodovia MA 014.

Dados do IBGE do Censo Demográfico de 2000 e Pesquisa de Orçamento Familiar – POF de 2002/2003 indicam que o município de Peri Mirim possui níveis muito elevados de pobreza. Entretanto, esses índices podem ter sofrido uma pequena melhora em virtude da ampliação de benefícios sociais voltados para a população mais carente.

4 - REVIVENDO OS TEMPOS DO AÇÚCAR EM PERI MIRIM/MA.

O município de Peri Mirim guarda ainda hoje muitos vestígios da atividade açucareira, tanto material (ruínas de antigos engenhos e outros ainda em funcionamento) quanto imaterial (lembranças de homens e mulheres ligados de uma ou outra forma a essa atividade), como podemos perceber na fala de Bernardino Araujo de Almeida de 83 anos(in memoria), o qual inclui em suas lembranças de infância, diga-se de passagem uma infância de muito trabalho, o cotidiano do engenho Teresópolis:

... e nós aqui, levantava... nós ... morava...aquele magote de mulecote e juntava cofinho e socó e tocava. Nós encostava lá em Teresope ... ele, assim que começava, o engenho, moer a cana, ele enchia aquela lata de garapa encostava lá. Aí nós ia chegando, criança, entrava, tudinho, já era mesmo que ser boi no bebedouro...tudinho encostado, criança, nós tudinho, cada qual... criança é bicho mau! (risos). Nós tumava cuidada de garapa... Ele tava por lá(o proprietário), não ligava... Nós tumava tudinho, todo mundo, saía, ia embora por campo.

⁸ Dados disponíveis em www.cidades.ibge.gov.br/..., consultado em 17/08/2017.

Segundo Paz (2014) Peri Mirim contava com 10 unidades de engenhos assim distribuídos: Engenho Rio da Prata de propriedade de João Bertold; Engenho Santa Filomena de propriedade de Jomar Rodrigues; Engenho Queimado de propriedade de Raimundo Rodrigues; Engenho “Tijuca” de propriedade de Tarquínio Viana Sousa; Engenho “Teresópolis” de Francisco Viana de Sousa; Engenho “Santa Cruz” de propriedade da família Sousa; Engenho “Santana” de propriedade da família Bacelar, Engenho do “Itaipé” de propriedade da família Pinheiro e; Engenho “Palestina” de propriedade de Timóteo Sousa.

O número significativo de engenhos em Peri Mirim indica uma dinâmica econômica do município, baseada na produção de açúcar, cachaça e mel, pois, de acordo com relatos de antigos trabalhadores desses engenhos todos eles produziam esses três produtos.

O açúcar era o principal produto dos engenhos do município de Peri Mirim, pois a cachaça e o mel eram obtidos dos resíduos do processo de depuração desse açúcar. Roberval Pinheiro de 72 anos conta que entre os 13 e 14 anos trabalhava no Engenho Teresópolis ajudando seu pai: “trabalhei muito ainda engarrafando cachaça pra meu pai”, e completa dizendo que nesse engenho era “produzido açúcar, mel e cachaça”.⁹ Analisando sua idade atual com o período em que “ajudava seu pai” no Engenho Teresópolis, constatamos que esse engenho estava em plena atividade por volta de 1958, dentro do marco temporal da nossa pesquisa.

O Engenho Teresópolis conforme mostra Paz(2014) pertencia a Francisco Viana de Sousa, que pelo sobrenome “Sousa” pode ter alguma relação de parentesco com Francisco Joaquim de Sousa, antigo chefe do Partido Liberal em Pinheiro, citado por Jerônimo de Viveiros¹⁰ pelo seu envolvimento numa disputa política com o coronel Guilherme de Araújo e Sousa, chefe do Partido Conservador em Pinheiro. O autor ao mencionar a disputa política entre os dois coronéis relata que: “os amigos de Francisco Sousa viviam nas redondezas de seu Engenho “Tijuca”(grifo do autor)[...] Era um eleitorado pé de boi, que não faltava, mas que pertencia à freguesia de São Bento, onde não estavam os interesses políticos do chefe liberal” (VIVEIROS, 2014).

O engenho “Tijuca”, localizado no município de São Bento em 1885, ao que tudo indica, é o mesmo arrolado por Paz(2014) de propriedade de Tarquínio Sousa. Em

⁹ Entrevista concedida pelo senhor Roberval Nogueira Pinheiro, 72 anos, em 23 de janeiro de 2016.

¹⁰ As informações sobre as questões envolvendo o engenho Teresópolis foram extraídas da obra *História Social, Econômica e Política de Pinheiro*, escrita entre 1955 e 1974, organizada por Alfredo Wagner Berno de Almeida e publicada em 2014.

1885 Peri Mirim pertencia a São Bento. Francisco Viana de Sousa era proprietário do engenho “Teresópolis”, que formava um só território com “Tijuca”, tanto que o mesmo teria dado ao filho que estudava na Europa e por ocasião da Guerra de 1914 voltou ao Brasil e se instalou como proprietário de engenho como mostra a fala do senhor Jerônimo Costa, conhecido como “Coreiro”, de 88 anos, residente na atual comunidade quilombola “Tijuca”/Peri Mirim:

Esse camarada foi estudar...Tarquinio Viana de Sousa, era filho de Chico Sousa que era dono de Teresope, aí...o camarada que tinha eles lá, era muito amigo de Chico Sousa, esse tempo era barão dando mato, e..rebentou a guerra de quatorze e lá, encaixotaro ele e colocaro no fundo do navio e ele veio embora pra São Luis, de São Luís ele veio bater no Teresope...Ele diz, meu filho eu vou arrumar umas área de terra pra vocês trabalhar [...] Vieram no Santana, de Santana Eles vieram aqui [...] e fundaram um engenho aqui. Então lá tinha um lugar chamado Tijuca. Tarquínio sabia tudo[...] então apelido daqui é Tijuca.

O relato que o Sr. Jerônimo faz sobre o engenho de “Teresópolis” e “Tijuca” deve ter chegado a ele por seus familiares ou outras pessoas mais velhas, pois o mesmo nasceu quinze anos após o início da Primeira Guerra Mundial(1914) que ele já menciona em sua fala. Portanto, é possível a existência de outras versões para o nome dado ao lugar. Porém, é fato que esse lugar pertencia a São Bento tanto em 1885, como assegura Viveiros quanto em 1914 como diz Sr. Jerônimo.

A longa vida do engenho “Teresópolis” pode ser observada também nas lembranças que o Sr. Bernardino guarda de sua infância. Em seu relato, já anotado neste trabalho, ele narra que passava nesse engenho quando ia pescar. Nesse período ele já utilizava o socó como instrumento de pesca. Embora ele não tenha precisado sua idade, deveria ter entre dez e doze anos, haja vista que por não ser tão leve, a criança para manejar um socó¹¹ teria que ter mais ou menos essa idade. Levando em consideração que o mesmo nasceu em 1928, sua convivência no cotidiano de “Teresópolis” teria ocorrido lá pela década de 1930. Queremos com isso demonstrar que engenhos em Peri Mirim existiram desde antes da abolição do trabalho escravo e que esses mesmos engenhos não se extinguíram totalmente com o fim oficial da escravidão.

Sobre o engenho “Tijuca”, resguardadas as questões envolvendo o seu surgimento colocadas neste artigo, partiremos da fala do Sr. Jerônimo Costa (Coreiro). Esse engenho teria sido doado para Tarquínio Viana Sousa, filho de “Chico Sousa”, proprietário do engenho “Teresópolis”. De acordo com a fala do Sr. Coreiro, Tarquínio estudava na Europa, quando por ocasião da explosão da Primeira Guerra Mundial

¹¹ Socó é um instrumento de pesca confeccionado de paus fininhos que serve para pescar peixes maiores, geralmente quando as águas dos campos inundáveis da Baixada Maranhense baixam.

(1914) “encaixotaro ele no fundo de um navio e veio simhora pra São Luis, de São Luís veio bater em “Teresópolis”. Esse engenho, como os demais, produzia mel, açúcar e cachaça.

O Sr. Coreiro informa que trabalhou no engenho “Tijuca” desde os dez anos de idade “bateno crivo e coano a garapa, tirano o cisco...”. A partir dos 15 anos passou para temperador de dorna pra fazer cachaça, com mel. Essa atividade era bastante cansativa como mostra o mesmo. “Era duzentos e setenta lata d’água que eu batia numa bomba pra depois carregar pra subir numa altura assim...pra encher uma dorna¹² do tamanho dessa porta, de três em três dias”.¹³

A dinâmica da produção de açúcar no engenho “Tijuca”, segundo o Sr. Coreiro¹⁴, compreendia plantação da cana por terceiros em terras do Sr. Tarquínio, posteriormente a cana era moída no engenho. Geralmente, eram produzidos 2000 kilos de açúcar bruto por safra que ia de setembro a dezembro. O açúcar era dividido ao meio com o lavrador. Porém, a cachaça e o mel ficavam para o proprietário. A metade do açúcar reservada para o lavrador muitas vezes era comprada pelo proprietário do engenho, embora, segundo conta Sr. Coreiro, esse poderia vendê-la para outras pessoas.

O açúcar do engenho “Tijuca” era distribuído para o mercado local e para outros municípios vizinhos como por exemplo, Bequimão e Pinheiro, segundo Coreiro.

Tarquínio Viana Sousa foi prefeito de Peri Mirim no período de 1959 a 1961. De acordo com Paz(2014, p. 51), “pela sua experiência empresarial e seriedade administrou o município com austeridade e fez o que estava ao seu alcance”. Para o Sr. Coreiro, no entanto, “...ele trabalhou quatro ano lá em Peri Mirim, não fez nada”.

Não conseguimos dados quanto à época que o engenho deixa de produzir açúcar, cachaça e mel, mas ao que tudo indica, quando ele é transferido para outro dono, Ribamar Bacelar, essa produção começa a perder força. Ribamar Bacelar transfere o engenho para os irmãos Gonçalves de Pinheiro que mais tarde vão transferi-lo para os

¹² Pesquisando sobre o que seria a “dorna” encontramos que era uma espécie de tina muito grande utilizada para pisar as uvas para o preparo do vinho. No caso dos engenhos de cana de açúcar a dorna era usada no fabrico da cachaça. Disponível em www.dicio.com.br. Consultado em 20 de agosto de 2017.

¹³ Quanto ao tamanho da dorna, o senhor Coreiro aponta para a porta de sua casa, com medidas de 2,10 X 0,80m, indicando a dimensão do recipiente assim como a dificuldade enfrentada para enchê-la de três em três dias.

¹⁴ As informações prestadas pelo Sr. Coreiro foram obtidas em entrevista realizada com o mesmo em 08 de julho de 2017. O Sr. Coreiro também foi entrevistado por Francisco Viegas Paz, autor citado neste trabalho, no entanto, as informações aqui contidas foram extraídas unicamente da nossa entrevista com o mesmo.

irmãos pernambucanos. Segundo Paz (2014) esses não demonstraram interesse em continuar produzindo açúcar.

Outro engenho que funcionou em Peri Mirim foi o “Rio da Prata”, de propriedade do Sr. João Bertoldo Ferreira, que segundo Paz(2014), produzia açúcar, cachaça e mel. O engenho “Rio da Prata” encontra-se registrado na memória da Senhora Dioneia Paula de Almeida, com 94 anos por ocasião de nossa entrevista com ela.

O envolvimento dela com esse engenho era como pequena plantadora de cana de açúcar, ao lado do seu esposo, já falecido. Entrevistamos a Sra. Dioneia em 25 de maio de 2014 e ela confirmou a existência de “engenhos de cana de açúcar em Rio da Prata, Santa Filomena, Itaquipé e Tijuca”.¹⁵

Dona Dioneia contou que plantou um canavial que ao final produziu 2000kg de açúcar, sendo que, seguindo a regra geral, foi dividido ao meio com o proprietário do engenho Rio da Prata. “O restante ficou armazenado em casa e foi sendo vendido aos poucos, sendo que até a década de 1980 ainda tinha açúcar em casa”. Ela fala também que o açúcar era vendido, pelo menos na época em que comercializou o seu produto, a 300 reis que equivalia a 3 tostões. A comercialização desse açúcar era feita em Pinheiro como afirma Dona Dioneia. Consta também no depoimento de Dona Dioneia que o último proprietário do engenho Rio da Prata foi o Sr. Faustino, assassinado na década de 1990 quando finalizou também a atividade desse engenho que ainda produzia cachaça e mel.

Os engenhos Santana e Santa Cruz pertenciam também à família Sousa como aponta Paz (2014), aliás, a família Sousa era a principal proprietária de engenho em Peri Mirim, visto que também estava ligada aos engenhos “Teresópolis” e “Tijuca” como já mostramos acima. Sobre os engenhos Santana e Santa Cruz não conseguimos reunir informações mais precisas. Na visita que realizamos na comunidade “Santa Cruz” onde funcionou esse último não encontramos moradores mais antigos, e os mais jovens não souberam dar maiores detalhes sobre o mesmo.

O engenho Palestina de propriedade do Sr. Timóteo Sousa também não nos foi possível recolher maiores informações, a não ser que na década de 1980 as terras desse engenho foram transferidas para o Sr. João Ramalho e o Sr. Timóteo terminou seus dias muito pobre morando no povoado Curitiba, município de Palmeirândia.

¹⁵ A sra. Dioneia entrevistada em maio de 2014 ainda vive, atualmente com 97 anos e em pleno estado de lucidez, residindo no povoado “Três Maria”, município de Peri Mirim/MA.

O que sabemos a respeito do “Engenho Queimado” de propriedade do Sr. Raimundo Rodrigues é que ele se localizou “nas terras da Fazenda Todos os Santos”, conforme informação dada pelo Sr. Raimundo Inácio Rodrigues Bittencourt, filho do proprietário, em 06 de maio de 2017. O Sr. Raimundo Inácio está hoje com 62 anos de idade e informa que ao nascer (1955), encontrou o “Engenho Queimado” em pleno funcionamento.

Ele contou também que o “Engenho Queimado” foi desmembrado na década de 1970 quando seu pai se separou da esposa¹⁶. Em 1973 o outro engenho, construído na altura do km 157 da MA 014, iniciou suas atividades produzindo açúcar, cachaça e mel, sendo que a cachaça o “carro chefe” da produção. O novo engenho recebeu o nome de engenho “Dona Moça”, em homenagem à proprietária Avelina Costa, conhecida como “Dona Moça”.

O engenho “Dona Moça” continua em funcionamento até os dias atuais, produzindo, exclusivamente, cachaça. Atualmente, o mesmo é comandado por dois netos do Sr. Raimundo Rodrigues.

Quando perguntado sobre a questão da mão de obra utilizada no “Engenho Queimado” faz o seguinte esclarecimento: “o peão é aquele que a gente coloca no chão para rodar e o pião é aquele que trabalha em uma obra e que quando a obra termina ele se desloca para outro local. Na época não era conhecido como pião e sim como trabalhadores braçais ou trabalhador braçal”. Assim ele aponta que a mão de obra daquela época era o trabalhador livre, o qual além de fazer trabalhos pesados, não possuía vínculos empregatícios com o engenho, sendo, portanto, um trabalhador temporário.

Abaixo apresentamos fotos de equipamentos utilizados para a fabricação de cachaça no engenho “Dona Moça”, o único em funcionamento entre os dez citados neste trabalho.

¹⁶ O Sr. Raimundo Inácio que nos concedeu entrevista era filho “natural” (como era chamado o filho fora do casamento) do Sr. Raimundo Rodrigues, porém, assim como outros filhos naturais foi criado por Dona Moça, a qual considera como sua mãe.



Foto 1. Moenda. Utilizada para moer a cana de açúcar.
Engenho “Dona Moça”. Foto tirada em 06/05/2017



Foto 2. Alambique. Local de destilação da cachaça
Engenho “Dona Moça”. Foto tirada em 06/05/2017



Foto 3. Reservatório onde a garapa descansa por 24 horas
Engenho “Dona Moça”. Foto tirada em 06/05/2017.

Nas diversas entrevistas realizadas, com o Sr. Bernardino, Sr. Roberval, Sr. Coreiro, Dona Dioneia e com o Sr. Raimundo Inácio fizemos questão de falar da mão de obra. Na fala do Sr. Bernardino ele lembra que muitas pessoas eram envolvidas no processo de produção do açúcar; o Sr. Roberval diz que no engenho “Teresópolis”, “trabalhava de 50 a 60 pessoas daquela redondeza todinha, homens e mulheres que vinham tanto dos arredores do engenho quanto de localidades mais distantes.”, e assim por diante. Não percebemos nessas falas reclamações quanto a falta de braços para o trabalho nos engenhos açúcar.

Os engenhos nesse período eram abastecidos, geralmente, com cana de açúcar que era produzida por pequenos produtores, muitas vezes em terras pertencentes ao proprietário do engenho, e isso acontecia no Engenho Teresópolis como relata Sr. Roberval, inclusive, lembrando a situação do seu pai, Sr. Ademar; do mesmo modo relata D. Dioneia que plantava cana de açúcar e abastecia engenho Rio da Prata. Isso ao nosso ver poderia amenizar problemas com mão de obra. Entretanto é muito comum encontrar referências à falta de mão de obra como uma das causas de fechamento dos engenhos no Maranhão e também em Peri Mirim como mostra Paz (2014).

A presença de plantadores de cana que abasteciam os engenhos era uma prática recorrente na produção açucareira no Brasil. Era assim no nordeste açucareiro, onde os senhores de engenho não davam conta sozinhos de bastecer o engenho de cana de açúcar, havendo sempre a necessidade de recorrer a plantadores externos, que tanto poderiam produzir em suas propriedades quanto na do dono do engenho, (SCHWARTZ 1988). Pelo visto essa prática persistiu no pós-abolição, também aqui em Peri Mirim.

Quando a cana era produzida por terceiros (os pequenos produtores) esses eram responsáveis por todo o processo produtivo da cana, que depois de colhida era levada para ser processada no engenho. O açúcar, a cachaça e o mel produzidos, geralmente eram divididos ao meio como mostram alguns relatos. Isso era comum não apenas em Peri Mirim, mas também em outros municípios da Baixada Maranhense.

Os diversos depoimentos demonstram que a produção açucareira em Peri Mirim não era nada desprezível. A senhora Dioneia e seu marido chegaram a produzir até 2000kg de açúcar bruto. Do mesmo modo o Sr. Coreiro também aponta a produção de 2000kg de açúcar bruto em uma safra.

Outra importante questão a ser lembrada neste trabalho são as condições de trabalho nos engenhos. Sr. Bernardino conta que quando criança, o caminho que fazia para ir pescar passava pelo engenho “Teresópolis” onde encostava para tomar “garapa”¹⁷. Segundo ele, muitas pessoas morreram pela excessiva carga de trabalho, pois a jornada de trabalho começava entre meia noite e uma hora da manhã. O salário que recebiam, segundo o mesmo, era insignificante, não dava para suprir as necessidades. Quando os trabalhadores adoeciam não tinham como custear nem os remédios. Lembrou também que a mão de obra era composta só por pessoas negras e de branco só o proprietário, o senhor Fradique.¹⁸

Algumas pessoas que viveram durante a existência desses engenhos, e que trabalharam neles ou tiveram parentes que trabalharam nos mesmos, ainda vivem, por isso, entendemos que é possível escrever sobre o tema, a partir dessas memórias e assim recuperar aspectos fundamentais da História de Peri-Mirim que ainda não foram explorados.

Nas entrevistas que fizemos para este trabalho (Sr. Bernardino, D. Dioneia, Sr. Roberval, Sr. Coreiro e Sr. Raimundo Inácio) percebemos que quase não há divergências em relação a questões importantes da produção açucareira em Peri Mirim, a maioria dessas informações coincidem e se complementam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Durante a nossa pesquisa alguns aspectos nos chamaram a atenção com relação à produção açucareira no município de Peri Mirim. Quando demarcamos o período a ser estudado não tínhamos certeza de que os engenhos de fato funcionaram na década de 1950. Porém, na medida em que fomos entrevistando as pessoas percebemos que esse período, se não foi o auge da economia açucareira em Peri Mirim, mas estavam em funcionamento quase todos os engenhos arrolados na nossa pesquisa, com exceção do engenho “Dona Moça” que iniciou suas atividades na década de 1970.

Ao longo das entrevistas as falas foram mostrando que a produção de açúcar foi significativa no município, com engenhos de grande porte como “Teresópolis”, por

¹⁷ Garapa é como é chamado na região o suco da cana de açúcar com o qual é feito o açúcar, a cachaça e o mel.

¹⁸ Entrevista com o senhor Bernardino Araujo de Almeida, 83 anos, concedida em maio de 2011.

exemplo, mas sem registros nos estudos históricos do Estado. Sobre o município encontramos apenas o livro de Paz (2014) que menciona essa produção quando arrola os engenhos, mas a título de curiosidades como diz o nome de sua obra.

A pesquisa no cartório não foi possível pois, o único que existe na cidade não permite a consulta por terceiros, por isso a história oral como metodologia foi fundamental para elaborarmos nossa pesquisa.

A falta de braços pode não ter sido um grave problema para o desenvolvimento das atividades nos engenhos, pois as narrativas não deixaram isso evidente. É mais provável que os proprietários de engenhos usassem de meios coercitivos para obter mão de obra. As falas do Sr. Bernardino apontam para isso quando ele narra a rotina de trabalho no engenho “Teresópolis”. Por outro lado, ficou claro que as condições de trabalho nos engenhos não era das melhores, assim como os salários pagos pelos proprietários eram irrisórios, insuficientes para atender às necessidades básicas dos trabalhadores, aliás, essa era a realidade em todo o nosso país.

O trabalho nos engenhos envolvia homens, mulheres, e também criança, pois o Sr. Coreiro narra que começou a trabalhar no engenho “Tijuca” desde os dez anos de idade.

Enfim, ainda há muito a ser dito sobre a produção de açúcar no Maranhão, em Peri Mirim, e na Baixada Maranhense como um todos, visto que, a nesta pesquisa nem todos os engenhos foi possível investigar, o que torna necessário novos estudos a cerca da questão. Entendemos que, devido a maior parte da produção açucareira de Peri Mirim ficar restrita a atender a demanda interna e de municípios vizinhos, não chamou a atenção para os registros oficiais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004

MEIRELES, Mário Martins. História do Maranhão. **História do Maranhão**. 2ª ed. São Luís: FUNC, 1980.

PAZ, Francisco Viegas. **Curiosidades históricas de Peri-Mirim**. São Luís: Editora Gênese, 2014.

SCHWARTZ, Stuart B. **SEGREDOS INTERNOS**: engenhos e escravos na sociedade colonial. 1550-1835. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro; Objetiva, 2001.

REIS, Flávio. **Grupos políticos e estrutura oligárquica no Maranhão**. São Luís:UNIGRAF, 2007.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Cia Editora Fon-Fon e Seleta, 1970.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ENTREVISTAS

Bernardino Araújo de Almeida. (in memória). Entrevista realizada em maio de 2011.

Dioneia Paula de Almeida. Entrevista realizada em 25 de maio de 2014.

Jerônimo Costa. Entrevista realizada em 08 de julho de 2017.

Raimundo Inácio Rodrigues Bittencourt. Entrevista realizada em 06 de maio de 2017

Roberval Nogueira Pinheiro. Entrevista realizada em 23 de janeiro de 2016.

SITES CONSULTADOS

www.agric.com.br/producoescultivodacana.html, consultado em 27 de janeiro de 2016

www.biblioteca.ibge.gov.br, consultado em 28 de janeiro de 2016.

www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=210840, consultado em 25 de fevereiro de 2016.